

Introduzindo o Rezador

Jacinto chegara à capital, havia pouco, de uma comunidade distante que possuía duas peculiaridades marcantes: era um intocado quilombo e tinha um religioso católico como cura.

Assim, no seu leito de morte, arrasado pela febre que jamais o acostumara a ver consumidos parentes, amigos e vizinhos, e num momento de fuga da letargia, que cedeu espaço à razão, pediu por um padre. Era o que se fazia lá, dentre os negros, quando Francisco, Maria, Jaú, Madalena, Paulo, Inácio, Inês, Kofindo, Kwanda e tantos outros estiveram, como ele próprio estava agora, destruídos pela febre que ia e vinha. E o bom padre branco, imerso em sua longa, um dia preta, descorada e remendada batina, aparecia sempre com palavras de consolo, umas, e outras, rituais, ininteligíveis, mas de uma bela sonoridade.

Jacinto mergulhou ainda outra vez na prostração, para acordar horas após e ver-se à frente de um paramentado homem negro, nem tão retinto como ele – era um sarará alto, e vestia-se quase como o cura de sua comunidade distante. Chegou a sentir no religioso, com satisfação, o olor de incenso, no quilombo apenas inalado em algumas datas cristãs mais marcantes. No torpor, na névoa que envolvia sua cabeça destroçada, pôde recolher fragmentos das pessoas e coisas no pequeno quarto em que se encontrava. Conseguiu ouvir o recitar de um rosário de palavras que soube, apesar de todo o desconforto de seu corpo doente, eram latinas.

“É um padre, veio me dar a extrema-unção!”, pensou, recolhendo do fundo de si um resquício sobrado de satisfações. Fez-se uma fagulha, apenas uma chispa de alegria no olho de onde escorreu a lágrima eremita, e balbuciou: “Padre...”

“Não, meu filho, eu sou o Rezador”.

O vírus da febre amarela havia já surrupiado quase tudo de vida que seu corpo saudável entesourara. Assim, não tinha mais como entender a diferença entre padre e rezador, se é que havia alguma. Mergulhou ainda outra vez na inconsciência a caminho do fim.

Mas, parece que a psique de Jacinto não quis encontrar o descanso perene sem resolver aquele pequeno problema. Mais outra vez, recolhendo o que sobrara de suas energias, articulou hesitante: “Rezador, de que igreja?”

“Ah, filho, aqui não se pode entrar na igreja...” E concluiu o rezador para um corpo já sem alma: “Eu tenho minha casa de rezas”.

Tranqüilamente, ministrou o óleo dos enfermos.

José Luiz Pereira da Costa

27 de março de 2002 (décimo segundo da série)